

O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO NO DIALETO CULTO DE FEIRA DE SANTANA

Jaqueline Macedo Almeida¹; Norma Lúcia Fernandes de Almeida²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Letras Vernáculas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: eu.jaqueline@hotmail.com
2. Orientador(a): Dra Norma Lúcia Fernandes de Almeida, Departamento de Letras e Artes, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: norma.uefs@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: Língua falada, variantes, Sociolinguística.

INTRODUÇÃO

A concepção de que as variações que ocorrem na língua falada não acontecem de forma aleatória atraiu o olhar de muitos estudiosos para a Sociolinguística, o que possibilitou o surgimento de muitas pesquisas que têm como objeto de estudo o que Tarallo (1997) chama de “...o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais de interação social do tipo comunicação face a face”, ou seja, a língua falada. São pesquisas como as de Figueiredo (2006) que pesquisou *O Objeto Direto Anafórico no Dialeto Rural Afro-brasileiro*, e a de Alves (2009), na qual o autor analisa em seu artigo *O Objeto Direto Anafórico: Uma Análise na Língua Falada Popular de Jovens Soteropolitanos*. Ambas as pesquisas revelaram uma predominância no uso do objeto nulo por parte dos falantes pesquisados.

Considerei de grande importância verificar, no presente trabalho, o comportamento do Objeto Direto Anafórico no Dialeto Culto de Feira de Santana, comparando os resultados obtidos nesta pesquisa com os de outra investigação que mostram o comportamento do Objeto Direto Anafórico no Dialeto Popular de Feira de Santana, levando em consideração para tal as quatro estratégias de realização do Objeto Direto Anafórico: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo. Os fatores linguísticos considerados foram tipo de oração e natureza do referente e os fatores sociais faixa etária e sexo/gênero.

METODOLOGIA

Para se chegar aos resultados obtidos neste trabalho foram feitas, além das leituras e discussões necessárias a uma base teórica, revisão de transcrição, leitura de entrevistas e extração de dados do *corpus* e codificação de dados, fazendo uso, para o desenvolvimento do trabalho, de livros, áudios de entrevistas, e entrevistas transcritas com informantes do dialeto culto de Feira de Santana. Foi utilizada, para análise dos dados, a metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov 2008 [1972]).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Seguindo a metodologia da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (Labov 2008 [1972]), os dados codificados na investigação sobre o uso do Objeto Direto Anafórico no Dialeto Culto de Feira de Santana foram submetidos ao pacote de programas de análise quantitativa Varbrul, obtendo-se os seguintes resultados em relação às ocorrências das variantes: clítico acusativo, SN anafórico, pronome lexical e objeto nulo.

Tipo de estratégia	Clítico	SN	Pronome lexical	Objeto nulo
	22/599 3%	224/599 37%	7/599 1%	346/599 57%

Tabela 1: Resultado geral das estratégias de objeto direto anafórico utilizadas por feirenses.

A tabela 1 mostra uma menor ocorrência da forma não padrão Pronome Lexical com uma porcentagem de apenas 1%, contrastando com o uso da forma também não padrão Objeto nulo 57%. Embora a forma não padrão Objeto nulo tenha sido a mais utilizada pelos

falantes, a forma padrão clítico acusativo ocorreu em maior proporção que a não padrão pronome lexical, ou seja, em 3% dos dados. Já a estratégia SN anafórico apareceu em 37% das ocorrências. Essas estratégias estão exemplificadas nos exemplos abaixo:

Exemplos:

Clítico acusativo:

- Meus avos tinham fazenda e sempre que eu podia nas férias eu os visitava então eu tenho alguns momentos bons.

SN anafórico:

- Quando dava cinco horas da manhã a gente saía no centro da cidade, é, movimentando o centro da cidade.

Pronome lexical:

- É, os problemas que eu, que eu encontro na rua, eu resolvo eles na rua.

Objeto nulo:

- Quando tinha dinheiro a gente ia no bloco, quando não tinha _____ era na pipoca.

Abaixo a tabela mostra os resultados com tipo de oração.

	Clítico	Objeto nulo	Pronome lexical	SN
Principal	6/98 6%	49/98 50%	1/98 1%	42/98 42%
Subordinada	1/189 0%	144/189 76%	0	44/189 23%
Coordenada	15/312 4%	153/312 49%	6/312 1%	138/312 44%

Tabela 2: Uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com o tipo de oração.

Os resultados da tabela 2 mostram que o objeto nulo foi a estratégia de retomada do objeto direto anafórico mais utilizada nos três tipos de oração, principal, subordinada e coordenada, sendo que a oração principal apresentou 50% do uso do objeto nulo quase a mesma proporção de uso da oração coordenada 49%. Mas a oração subordinada foi a que mais favoreceu a ocorrência do objeto nulo, sendo responsável por 76% do uso dessa variante. O clítico acusativo, que é considerado padrão, foi mais utilizado nos três tipos de oração do que o pronome lexical com uma ocorrência de 6% na oração principal e 4% na oração coordenada, apenas na oração subordinada não foi utilizado.

	Clítico	Objeto nulo	Pronome lexical	SN
Mais animado	18/92 19%	54/92 58%	4/92 4%	16/92 17%
Menos animado	4/507 0	292/507 57%	3/507 0%	208/507 41%

Tabela 3: Uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com a natureza do referente.

A tabela 3 mostra que o objeto nulo foi a forma de retomada do objeto anafórico mais utilizada tanto no traço mais animado 58% quanto no traço menos animado 57%, com uma diferença mínima de 1% entre os dois. O traço menos animado apresentou o maior uso do SN 41%. O SN, que foi a segunda forma de retomada do objeto direto anafórico mais utilizada, apresentou uma porcentagem de 17% no traço mais animado e 41% no traço menos animado com uma diferença significativa de 24%.

	Clítico	Objeto nulo	Pronome lexical	SN
Faixa 1	1/153 0	97/153 63%	4/153 2%	51/153 33%
Faixa 2	20/293 6%	164/293 55%	2/293 0	107/293 36%
Faixa 3	1/153 0	85/153 55%	1/153 0	66/153 43%

Tabela 4: Uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com a faixa etária.

Observando-se os tipos de estratégia de realização do objeto direto anafórico em cada uma das três faixas etárias, na tabela 4, entende-se que o clítico acusativo, da forma padrão, não foi utilizado nas faixas 1 (25 a 35 anos) e 3 (acima de 65 anos) tendo um uso de 6% na faixa 2 (45 a 55 anos), mas a forma de retomada do objeto menos utilizada é o pronome lexical que não foi utilizado nas faixas 2 e 3, tendo um uso mínimo de apenas 2% na faixa 1 já a forma não padrão objeto nulo é a estratégia de retomada mais utilizada nas três faixas etárias. Depois do objeto nulo, o SN foi a forma de retomada mais utilizada nas faixas etárias, ficando com 33% na faixa 1, 36% na faixa 2 e 43% na faixa 3.

	Clítico	Objeto nulo	Pronome lexical	SN
Masculino	9/302 2%	174/302 57%	4/302 1%	115/302 38%
Feminino	13/296 4%	171/296 57%	3/296 1%	109/296 36%

Tabela 5: Uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com o sexo.

Na tabela 5, observa-se que a forma não padrão objeto nulo é utilizado na mesma proporção pelos dois sexos 57%, e o mesmo acontece com o pronome lexical, outra estratégia considerada não padrão, que apresenta um uso mínimo de 1% nos dois sexos, no entanto a forma padrão clítico acusativo é usada pelas mulheres numa porcentagem de 4%, o dobro da porcentagem de 2% em que é utilizada pelos homens. O SN também considerado padrão é mais utilizado pelos homens com 38% tendo uma diferença mínima de 2% apenas.

Tipo de estratégia	Clítico	SN	Pronome lexical	Objeto nulo
Dialeto Culto	22/599 3%	224/599 37%	7/599 1%	346/599 57%
Dialeto Popular	1/341 0,3%	34/341 10%	16/341 4,7%	290/341 85%

Tabela 6: Uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, falantes do dialeto popular e culto.

Analisando a tabela 6, que mostra os resultados dos usos do objeto direto anafórico no dialeto culto e os resultados desse mesmo objeto no dialeto popular, observa-se que o objeto nulo é a estratégia de retomada do objeto direto anafórico mais utilizada entre os falantes das duas variedades, com 57% entre os falantes do dialeto culto e 85% entre os falantes do dialeto popular. Os falantes do dialeto culto utilizaram mais as formas padrão do que os falantes do dialeto popular, como era de se esperar. E os falantes do dialeto popular utilizaram mais as formas não padrão do que os falantes do dialeto culto.

Após essa análise dos quatro estratégias, rodamos o programa com os dados das duas mais recorrentes, a saber: objeto nulo e SN. Como objeto nulo apresenta percentuais mais altos, tomamos o mesmo como valor de aplicação. Abaixo as tabelas com as ocorrências de objeto nulo, levando em consideração os dois fatores selecionados pelo programa, tipo de oração e animacidade do objeto.

	Objeto Nulo	
	Oc. %	Peso Relativo
Principal	49/91 53%	.42
Subordinada	144/188 76%	.67
Coordenada	153/292 52%	.45

Tabela 7: Percentual e Peso relativo do uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com o tipo de oração.

Na tabela 7, acima, verifica-se uma maior ocorrência do objeto nulo na oração subordinada com um peso relativo de .67, o uso desse objeto na oração principal apresentou um peso relativo de .42 e na oração coordenada .45. Conclui-se, portanto, que o tipo de oração que mais influencia no uso do objeto nulo é a subordinada.

Abaixo a tabela com os resultados com a animacidade do objeto.

	Objeto Nulo	
	Oc. %	Peso Relativo
Mais animado	54/70 77%	.70
Menos animado	292/501 58%	.47

Tabela 8: peso relativo do uso de estratégias de objeto direto anafórico, entre feirenses, de acordo com a natureza do referente.

A tabela 8 mostra uma maior ocorrência do objeto nulo com o traço mais animado, apresentando um peso relativo de .70 e uma menor ocorrência desse objeto com o traço menos animado com o peso de .47., o que mostra que quando o objeto é mais animado há uma maior tendência de o mesmo ser nulo.

CONCLUSÃO

A partir dos resultados apresentados, pode-se concluir que, das quatro formas de realização do objeto direto anafórico encontradas no dialeto culto de Feira de Santana, a forma não padrão pronome lexical é a menos utilizada pelos falantes. Já no dialeto popular a forma menos utilizada é o clítico. No entanto, nas duas variedades há preferência clara pelo uso do objeto nulo, que, apesar de não padrão, é uma forma menos marcada que o pronome lexical.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jeferson da Silva. *O objeto direto anafórico: uma análise na língua falada popular de jovens soteropolitanos*. Disponível em <http://www.letramagna.com>. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura; Ano 05 n.11 - 2º Semestre de 2009.

FIGUEIREDO, Maria Cristina. *O objeto direto anafórico no dialeto rural afro-brasileiro do estado da Bahia*. In: Revista Inventário. 5. ed., mar/2006.

LABOV, William. *Padrões sociolingüísticos* / William Labov; tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. -São Paulo, Parábola Editorial, 2008.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo, Ática, 1997.